

## Blacamán, o bom vendedor de milagres

Logo no primeiro domingo em que o vi pareceu-me uma mula de mono-sábio, com os seus suspensórios de veludo pespontados com filamentos de ouro, as suas argolas com pedrarias de cores em todos os dedos e a sua trança de cascavéis, empoleirado sobre uma mesa no porto de Santa Maria del Darién, entre os frascos de específicos e as ervas de consolação que ele mesmo preparava e vendia a altos brados, pelas povoações do Caribe, com a diferença de que naquela altura não estava a vender nada àquela porcaria de índios, mas simplesmente pedindo que lhe levassem uma cobra verdadeira para demonstrar em carne própria um contraveneno da sua invenção, o único indelével, senhoras e senhores, contra as picadas de serpentes, tarântulas e escolopendras, e toda a espécie de mamíferos peçonhentos. Alguém que parecia muito impressionado pela sua determinação conseguiu, ninguém soube onde, e levou-lhe dentro de um frasco uma mapaná das piores, dessas que começam por envenenar a respiração, e ele destapou-a com tantas ganas que todos acreditámos que a ia comer, mas, mal se sentiu livre, o animal saltou para fora do frasco e deu-lhe uma tesourada no pescoço que ali mesmo o deixou sem ar para a eloquência, e apenas teve tempo de tomar o antídoto quando o dispensário de pacotilha se despenhou sobre a multidão e ele ficou a rebolar-se no chão com o enorme corpo desordenado, como se não tivesse nada por dentro, mas sem parar de rir com todos os seus dentes de ouro. De tal maneira seria o estrépito que um couraçado do Norte que estava no molhe desde havia cerca de vinte anos em visita de boa vontade se pôs de quarentena, para que não lhe subisse a bordo o veneno da cobra, e as pessoas que estavam santificando o Domingo de Ramos saíram da missa com as suas palmas benditas, pois ninguém queria perder o espectáculo do empeçonhado, que já começava a inchar com o ar da morte e estava duas vezes mais gordo do que tinha sido, deitando espuma de fel pela boca e resfolegando pelos poros, mas, não obstante, rindo-se com tanta vida que os cascavéis lhe cascavelhavam por todo o corpo. A inchação rebentou-lhe com os cordões das polainas e as costuras da roupa, os dedos amorcelaram-se-lhe pela pressão das argolas, pôs-se da cor do veado em salmoura e saíram-lhe pelo ânus umas ventosidades póstumas, de maneira que todos aqueles que tinham visto um picado por cobra sabiam que estava a apodrecer antes de morrer e que iria ficar tão esmigalhado que teriam de recolhê-lo com uma

pá para deitá-lo dentro de um saco, mas também pensavam que até no seu estado de serradura ia continuar a rir-se. Aquilo era tão incrível que os fuzileiros da marinha se encarrapitaram nas pontes do navio para tirar-lhe retratos a cor com aparelhos de longa distância, mas as mulheres que tinham saído da missa estragaram-lhes as intenções, pois taparam o moribundo com uma manta e colocaram-lhe por cima as palmas benditas, umas porque não lhes agradava que a armada profanasse o corpo com máquinas de adventistas,

outras porque lhes fazia medo continuar a ver aquele fanático que era capaz de morrer a morrer de rir e outras para ver se por acaso com isso conseguiam que, pelo menos, a alma se lhe desvenenasse. Toda a gente o dava como morto, quando afastou os ramos com uma braçada, ainda meio atarantado e todo enfraquecido pelo mau bocado, mas endireitou a mesa sem a ajuda de ninguém, tornou a subir para ela como um caranguejo e pôs-se outra vez a gritar que aquele contraveneno era simplesmente a mão de Deus num frasquinho, como todos tínhamos visto com os nossos próprios olhos, apesar de só custar dois cuartillos, (Quarta parte de um real. (N. da T.) porque ele não o tinha inventado para negócio, mas para o bem da humanidade, e quem é que pediu um, senhoras e senhores, não se me amontoem, por favor, que há que chegue para todos. É de crer que se amontoaram, e que fizeram bem, porque no fim não houve para todos. Até o almirante do couraçado comprou um frasquinho, convencido por ele de que também era bom para os chumbos envenenados dos anarquistas, e os tripulantes não se conformaram com tirar-lhe em cima da mesa os retratos em cor que não puderam tirar-lhe morto, mas fizeram-no assinar autógrafos até que as câibras lhe torceram o braço. Era quase noite e só tínhamos ficado no porto os mais perplexos, quando ele procurou com o olhar algum que tivesse cara de bobo para que o ajudasse a guardar os frascos, e, evidentemente, reparou em mim. Aquele foi como que o olhar do destino, não só do meu, como também do seu, pois isso aconteceu há já mais de um século e ambos nos recordamos ainda como se tivesse sido no domingo passado. O caso é que estávamos a meter a sua botica de circo naquele baú forrado de púrpura, que mais parecia o sepulcro de um erudito, quando ele me deve ter visto por dentro alguma luz que não me tinha visto antes, porque me perguntou, de mau humor, quem és tu, e eu respondi-lhe que era o único órfão de pai e mãe a quem ainda não tinha morrido o papá, e ele soltou umas gargalhadas mais estrepitosas que as do

veneno e perguntou-me, depois, o que fazes na vida, e eu respondi-lhe que não fazia nada mais que estar vivo, porque tudo o resto não valia a pena, e ainda chorando de riso perguntou-me qual a ciência que eu mais gostaria de conhecer no mundo, e essa foi a única vez em que lhe respondi sem enganar a verdade, que queria ser adivinho, e então não tornou a rir, mas disse-me, como se estivesse a pensar em voz alta, que para isso me faltava pouco, pois já tinha o mais fácil de aprender, que era a minha cara de bobo. Nessa mesma noite falou com o meu pai, e, por um real e dois cuartillos e um baralho de prognosticar adultérios, comprou-me para sempre. Assim era Blacamán, o mau, porque o bom sou eu. Era capaz de convencer um astrónomo de que o mês de Fevereiro não era mais do que um rebanho de elefantes invisíveis, mas, quando a sorte se lhe virava, tornava-se duro de coração. Nos seus tempos de glória tinha sido embalsamador de vice-reis, e dizem que lhes compunha uma cara de tanta autoridade que durante muitos anos continuavam a governar melhor do que

quando estavam vivos, e que ninguém se atrevia a enterrá-los enquanto ele não lhes tornasse a pôr a catadura de mortos, mas o prestígio foi-lhe estragado pela invenção de um xadrez de nunca acabar que enlouqueceu um capelão e provocou dois suicídios ilustres, e assim foi decaindo de intérprete de sonhos em hipnotizador de aniversários, de arrancador de molaes por sugestão em curandeiro de feira, de maneira que na época em que nos conhecemos já até os flibusteiros o olhavam de lado. Andávamos à deriva com a nossa barraca de tramóias, e a vida era um eterno soçobro, tentando vender os supositórios de evasão que tornavam transparentes os contrabandistas, as gotas furtivas que as esposas baptizadas deitavam na sopa para infundir o temor de Deus aos maridos holandeses, e tudo o que vocês queiram comprar de própria vontade, senhoras e senhores, porque isto não é uma ordem, mas um conselho, e, ao fim e ao cabo, tão-pouco a felicidade é uma obrigação. Contudo, por mais que nos morrêssemos de rir das suas ideias, a verdade é que com grandes dificuldades nos chegavam para comer, e a sua última esperança fundava-se na minha vocação de adivinho. Fechava-me no baú sepulcral, disfarçado de japonês e amarrado com correntes de estibordo, para que tentasse adivinhar o que pudesse, enquanto ele desentranhava a gramática procurando a melhor maneira de convencer o mundo da sua nova ciência, e aqui têm, senhoras e senhores, esta criatura atormentada pelos pirilampos de Ezequiel, e vocemecê que ficou para aí com essa cara de incrédulo, vamos a ver se se atreve a

perguntar-lhe quando vai morrer, mas nunca consegui adivinhar nem a data em que estávamos, de maneira que ele desesperou de eu ser adivinho, porque o torpor da digestão transtorna-lhe a glândula dos presságios, e, depois de me abater com uma trancada, para restaurar-se da boa sorte resolveu levar-me ao meu pai, para que lhe devolvesse o dinheiro. Contudo, nesses tempos deu-lhe para encontrar aplicações práticas para a electricidade do sofrimento e pôs-se a fabricar uma máquina de coser conectada com ventosas à parte do corpo em que se tivesse uma dor. Como eu passava a noite a queixar-me das sovas que ele me dava para conjurar a desgraça, teve de ficar comigo como provador do seu invento, e assim se foi atrasando o regresso e se lhe foi compondo o humor, até que a máquina funcionou tão bem que, não só cosia melhor que uma noviça, mas ainda bordava pássaros e flores, segundo a posição e a intensidade da dor. Estávamos nisso, convencidos da nossa vitória sobre a má sorte, quando nos chegou a notícia de que o comandante do couraçado tinha querido repetir em Filadélfia a experiência do contraveneno e converteu-se em marmelada de almirante em presença do seu estado-maior. Não voltou a rir-se durante muito tempo. Fugimos por desfiladeiros de índios e, à medida que mais perdidos nos encontrávamos, mais claras nos chegavam as vozes de que os fuzileiros navais tinham invadido a nação, com o pretexto de exterminar a febre amarela, e andavam a degolar todos os vendedores ambulantes inveterados ou fortuitos que encontravam pelo caminho, e não só os nativos por precaução, como também os

chineses por distração, os negros por costume e os hindus por serem encantadores de serpentes, e depois arrasaram com a fauna e a flora e com o que puderam do reino mineral, porque os seus especialistas dos nossos assuntos tinham-lhes ensinado que a gente do Caribe tinha a virtude de mudar de natureza para enrolar os gringos. Eu não percebia de onde lhes tinha saído aquela raiva nem por que razão nós tínhamos tanto medo, até que nos encontrámos a salvo nos ventos eternos da Guajira, e só ali teve a coragem para confessar-me que o seu contraveneno não era mais do que ruibarbo com terebintina, mas que tinha pago dois cuartillos a um calanchín para que lhe levasse aquela mapaná sem peçonha. Ficámos nas ruínas de uma missão colonial, enganados com a esperança de que passassem os contrabandistas, que eram homens de fiar e os únicos capazes de aventurar-se sob o sol mercurial daqueles ermos de salitre. Ao princípio comíamos salamandras defumadas com flores de escombros, e ainda nos

ficava ânimo para rirmos quando tentámos comer as suas polainas fervidas, mas finalmente comemos até as teias de aranha da água dos poços, e só então nos demos conta da falta que nos fazia o mundo. Como eu não conhecia naquele tempo nenhum recurso contra a morte, deitei-me simplesmente a esperá-la onde me doesse menos, enquanto ele delirava com a recordação de uma mulher tão terna que podia passar suspirando através das paredes, mas também aquela recordação inventada era um artifício da sua arte para enganar a morte com desgostos de amor. Contudo, na hora em que devíamos ter morrido, aproximou-se de mim mais vivo do que nunca e esteve a noite inteira a vigiar-me a agonia, pensando com tanta força que ainda não consegui saber se o que assobiava entre os escombros era o vento ou o seu pensamento, e antes de amanhecer disse-me com a mesma voz e a mesma determinação de outra época que agora conhecia a verdade, e era que eu lhe tinha tornado a virar a sorte, de maneira que amarra-te bem as calças porque assim como ma torceste vais-ma endireitar. Foi nessa altura que começou a desaparecer a pouca afeição que eu lhe tinha. Tirou-me os últimos trapos de cima, enrolou-me em arame farpado, esfregou-me pedras de salitre nas chagas, pôs-me salmoura nas minhas próprias águas e pendurou-me pelos tornozelos para me macerar ao sol, e ainda gritava que aquela mortificação não era suficiente para apaziguar os seus perseguidores. Por fim atirou-me a apodrecer nas minhas próprias misérias para dentro do calabouço de penitência onde os missionários coloniais regeneravam os hereges, e com a perfídia de ventríloquo que ainda lhe sobrava pôs-se a imitar as vozes dos animais de comer, o rumor das beterrabas maduras e o ruído dos mananciais para torturar-me com a ilusão de que estava a morrer de indigência no Paraíso. Quando, por fim, o abasteceram os contrabandistas, descia ao calabouço para dar-me a comer alguma coisa que não me deixasse morrer, mas a seguir fazia-me pagar a caridade arrancando-me as unhas com tenazes e rebaixando-me os dentes com pedras de moer, e o meu único consolo era o desejo de que a vida me desse tempo e sorte para

desferrar-me de tanta infâmia com outros martírios piores. Eu próprio me assombrava de poder resistir à pestilência da minha própria putrefacção, e ainda me atirava para cima com as sobras dos seus almoços e deitava pelos cantos pedaços de lagartos e gaviões podres, para que o ar do calabouço se acabasse de envenenar. Não sei quanto tempo tinha passado quando me levou o cadáver de um coelho para mostrar-me que preferia deitá-lo a

apodrecer do que dar-mo de comer, e até ali me chegou a paciência e unicamente me ficou o rancor, de maneira que agarrei o corpo do coelho pelas orelhas e atirei-o contra a parede, com a ilusão de que era ele, e não o animal, que ia rebentar, e então foi quando sucedeu como num sonho, que o coelho não só ressuscitou com um guincho de espanto, como também regressou às minhas mãos caminhando pelo ar. Foi assim que começou a minha vida grande. Desde aí ando pelo mundo tirando a febre aos palúdicos por dois pesos, dando vista aos cegos por quatro e cinquenta, desaguando os hidrópicos por dezoito, completando os mutilados por vinte pesos se o são de nascença, por vinte e dois se o são por acidentes ou bulhas, por vinte e cinco se o são por causa de guerras, terremotos, desembarques de fuzileiros ou qualquer outro género de calamidades públicas, atendendo os doentes vulgares em grosso mediante combinação especial, os loucos conforme o género, às crianças por metade do preço e aos bobos por gratidão, e a ver quem se atreve a dizer que não sou um filantropo, damas e cavalheiros, e agora, sim, senhor comandante da vigésima esquadra, ordene aos seus rapazes que tirem as barricadas para que passe a humanidade dorida, os lazarentos à esquerda, os epilépticos à direita, os tolhidos onde não estorvem e lá para trás os menos urgentes, mas, por favor, não se me amontoem, que depois não me responsabilizo se se lhes baralham as doenças e ficam curados do que não é, e que continue a música até que ferva o cobre, e os foguetes até que se queimem os anjos e a aguardente até matar a ideia, e venham as matronas e os acrobatas, os magarefes e os fotógrafos, e tudo isso por minha conta, damas e cavalheiros, que aqui se acabou a má fama dos Blacamanes e se promoveu o avigoramento universal. Assim os vou adormecendo com técnicas de deputado, para o caso de me falhar o critério e alguns me ficarem piores do que estavam. A única coisa que não faço é ressuscitar os mortos, porque mal abrem os olhos contramatam de raiva o perturbador do seu estado, e, no fim de contas, os que não se suicidam voltam a morrer de desilusão. Ao princípio, perseguia-me um séquito de sábios, para investigar a legalidade da minha indústria, e quando ficaram convencidos ameaçaram-me com o inferno de Simão, o Mago, e recomendaram-me uma vida de penitência para que viesse a ser santo, mas eu respondi-lhes, sem menosprezo pela sua autoridade, que era precisamente por aí por onde tinha começado. A verdade é que eu não ganho nada com ser santo depois de morto, eu o que sou é um artista, e a única coisa que quero é estar vivo para continuar uma vida sem peias com este calhambeque descapotável de seis cilindros que

comprei ao cônsul dos fuzileiros, com este motorista trinitário que era barítono da ópera dos piratas

de Nova Orleães, com as minhas camisas de seda pura, as minhas loções de oriente, os meus dentes de topázio, o meu chapéu de palhinha e os meus botins de duas cores, dormindo sem despertador, bailando com as rainhas da beleza e deixando-as como que alucinadas com a minha retórica de dicionário, e sem que me trema a voz se numa QuartaFeira de Cinzas se me murcham as faculdades, pois, para continuar com esta vida de ministro, basta-me a minha cara de bobo e chega-me o tropel de barracas que tenho daqui até mais além do crepúsculo, onde os mesmos turistas que nos andavam a fazer figura de almirante esbarram agora nos retratos com a minha rubrica, nos almanaques com os meus versos de amor, nas minhas medalhas de perfil, nos meus bocadinhos de roupa, e tudo isso sem a gloriosa madorna de estar todo o dia e toda a noite esculpido em mármore equestre e cagado pelas andorinhas como os pais da pátria. É pena que Blacamán, o Mau, não possa repetir esta história, para que vejam que não tem nada de invenção. A última vez que alguém o viu neste mundo tinha perdido até as grandes tachas douradas do seu antigo esplendor, e tinha a alma desmantelada e os ossos em desordem pelo rigor do deserto, mas ainda lhe sobrou um bom par de cascavéis para reaparecer naquele domingo no porto de Santa Maria del Darién com o eterno baú sepulcral, com a diferença de que nessa altura não estava a vender nenhum contraveneno, mas pedindo, com a voz fendida pela emoção, que os fuzileiros navais o fuzilassem em espectáculo público, para demonstrar em carne própria as faculdades ressuscitadoras desta criatura sobrenatural, senhoras e senhores, e ainda que a vocês lhes sobre o direito de não me acreditar depois de ter padecido durante tanto tempo as minhas más astúcias de embusteiro e falsificador, juro-lhes pelos ossos de minha mãe que esta experiência de hoje não é nada do outro mundo, mas a humilde verdade, e no caso de lhes restar alguma dúvida reparem bem que agora não estou a rir como antes, mas aguentando as ganas de chorar. Estava de tal maneira convincente que desabotoou a camisa com os olhos afogados de lágrimas, e dava-se palmadas de mulo no coração, para indicar o melhor sítio da morte, e, não obstante, os fuzileiros navais não se atreveram a disparar com o temor de que as multidões dominicais lhes reconhecessem o desprestígio. Alguém que possivelmente não esquecia as blacamanices de outra época conseguiu, ninguém soube onde, e levou-lhe, dentro de uma

lata, umas raízes de verbasco que teriam chegado para pôr a flutuar as corvinas do Caribe, e ele destapou-as com tantas ganas como se, de facto, as fosse comer, e com efeito comeu-as, senhoras e senhores, mas, por favor, não se me comovam nem vão rezar pelo meu descanso, que esta morte não é mais do que uma visita. Daquela vez foi tão honrado que não se comprometeu com estertores de ópera, mas desceu da mesa como um caranguejo, procurou no chão através das primeiras dúvidas o lugar mais digno para se deitar, e dali olhou para mim como para uma mãe e exalou o seu último suspiro entre os seus próprios braços, contudo contendo as suas lágrimas de homem e torcido do direito e do avesso pelo tétano da eternidade. Foi essa a única vez,

certamente, em que me falhou a ciência. Meti-o naquele baú de tamanho premonitório onde coube de corpo inteiro, mandei-lhe cantar uma missa de trevas que me custou cinquenta dobrões de quatro, porque o oficiante estava vestido de ouro e, além disso, havia três bispos sentados, mandei-lhe edificar um mausoléu de imperador sobre uma colina exposta aos melhores tempos do mar, com uma capela só para ele, e uma lápida de ferro onde ficou escrito com maiúsculas góticas que aqui jaz Blacamán, o Morto, mal chamado o Mau, mistificador de fuzileiros e vítima da ciência, e, quando estas honras me bastaram, para lhe fazer justiça pelas suas virtudes, comecei a desferrar-me das suas infâmias, e então ressuscitei-o dentro do sepulcro blindado e ali o deixei a rebolar-se no horror. Isto aconteceu muito antes de que Santa Maria del Darién tivesse sido tragada pela marabunta, mas o mausoléu continua intacto na colina, à sombra dos dragões que sobem para dormir nos ventos atlânticos, e cada vez que passo por esses rumos levo-lhe um camião carregado de rosas e dói-me o coração com pena pelas suas virtudes, mas depois ponho o ouvido na lápida para ouvi-lo chorar entre os escombros do baú desfeito e se, por acaso, voltou a morrer volto a ressuscitá-lo, pois a graça do castigo é que continue a viver na sepultura enquanto eu esteja vivo, isto é, para sempre.